



## 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

---

Eixo: Política Social e Serviço Social.

Sub-Eixo: Ênfase em Envelhecimento.

### DILEMAS ENTRE TEORIA E PRÁTICA NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO NO BRASIL

Dayara da Silva Ferreira<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo tem como objetivo apresentar proposições do envelhecimento orientado por uma perspectiva acrítica presente no senso comum e na gerontologia. Uma prática guiada por um viés irreflexível que resulta numa ação pragmática e aliena do processo de envelhecimento questões relevantes, como as de gênero, raça e classe, tornando-se um obstáculo ao enfrentamento das questões afetas ao tema.

**Palavras-chave:** envelhecimento, gerontologia, pragmatismo.

**Abstract:** The article aims to present propositions of aging guided by an uncritical perspective present in common sense and gerontology. A practice guided by an unreflective bias results in pragmatic action and alienates from the aging process relevant issues such as gender, race, and class, becoming an obstacle to addressing the issues related to the issue.

**Keywords:** aging, gerontology, pragmatism.

#### 1 – INTRODUÇÃO

Este artigo pretende apresentar a valorização e a propagação da cultura do envelhecimento bem-sucedido por profissionais gerontólogos. A prática adotada por alguns profissionais da área, na maior parte das vezes, se direciona apenas a uma ação voltada a cultura do lazer e a uma participação social limitada, o que para Debert (1999) contribui para sustentar o conceito de “reprivatização da velhice”, a qual transforma a velhice numa responsabilidade individual.

Não é nossa proposta neste artigo afirmar que as atividades realizadas por gerontólogos sejam desnecessárias, mas sim expor que a importância dessa prática deve estar direcionada a uma práxis que compreenda a realidade dos sujeitos na sua totalidade, aquela que permite aos mesmos refletirem sobre suas condições de vida e atuar sobre ela, oposta a uma atuação desconectada da realidade da maioria dos idosos brasileiros.

É importante romper com práticas que afirmam que a velhice bem-sucedida depende exclusivamente ao estilo de vida dos sujeitos, como se a “boa” velhice, dependesse apenas de hábitos saudáveis adotados ao longo do tempo. É primordial uma leitura mais ampla

---

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, E-mail: dayara.ferreira@hotmail.com.

acerca do processo de envelhecimento, em seu sentido macro, bem como compreender os processos sociais que o permeiam.

A importância de recorrer à literatura gerontológica crítica se faz premente para que a prática não esteja voltada a uma ação mecânica e irreflexiva. Para isso, Debert (1999) em “A reinvenção da velhice” afirma ser importante renovar o diálogo com gerontólogos e geriatras, propondo repensar velhas questões acerca da velhice bem-sucedida. Será que esta velhice propagada como bem-sucedida é vivenciada por todo segmento de idosos, numa sociedade como a nossa, onde os níveis de desigualdade se toram cada vez mais acentuados?

O envelhecimento populacional é uma realidade em escala crescente. Tal fenômeno deve ser analisado em sua amplitude. Conforme aponta Teixeira (2008) este é um processo considerado heterogêneo e histórico, isto é, não existe ‘a velhice’, e sim velhices. A autora afirma que este processo é vivenciado de modo diverso por cada sujeito, pois os determinantes sociais, culturais, econômicos, bem como as questões de gênero, classe e raça/etnia são fatores primordiais e determinam o tipo de velhice experimentada por cada indivíduo.

O segmento de idosos na sociedade capitalista é visto como um grupo de pessoas homogêneas. Quase sempre se desconsidera o envelhecimento como um processo que denota particularidade. Assim, é necessário que a prática dos gerontólogos/as se volte para as questões determinantes aqui apontadas, pois dessa forma se torna possível atuar para além da imediaticidade e refletir sobre as reais condições de vida do ser que envelhece. Para isso é de suma importância recorrer à contribuição teórica de Teixeira (2008), pois esta obra se apresenta como ferramenta teórico-crítica fundamental para pensar a prática cotidiana com os sujeitos idosos.

## **2 - Sobre o fenômeno do envelhecimento**

Atualmente a atenção para as questões sobre o envelhecimento tornou-se um fato comumente discutido entre a população. A mídia e as pessoas em geral estão falando mais do ser que envelhece, em razão, sobretudo, do aumento das taxas de longevidade na atualidade. Mas qual será o fator principal que tem contribuído para o prolongamento da vida humana?

O crescimento da população idosa é um fenômeno mundial. No Brasil, as mudanças demográficas ocorreram de forma drástica e bastante acelerada. As projeções mais conservadoras indicam que, em 2020, o Brasil será o sexto país do mundo em número de idosos, com um contingente superior a trinta milhões de pessoas (VERAS, 2009).

Para o autor esse crescimento está associado principalmente a dois fenômenos interdependentes: a queda da taxa de fecundidade e o aumento da expectativa de vida. Deste modo, os avanços ocorridos na tecnologia, principalmente nos serviços médicos, também contribuíram para o aumento acelerado da população idosa.

No tocante à redução da fecundidade, identifica-se que o advento da pílula e o crescimento dos movimentos feministas, foram fatores contribuintes desse processo, à medida que as mulheres obtiveram maior autonomia sobre a sua vida reprodutiva (ASSIS e BERNARDO, 2016 apud PAIVA, 2012).

Segundo dados de 2011 do IBGE a taxa de fecundidade total, que mede o número médio de filhos nascidos vivos que uma mulher teria ao fim de seu período reprodutivo era de 1,95 filho por mulher, o que se relaciona com a escolaridade, a urbanização e a inserção da mulher no mercado de trabalho. Ainda em 2011 havia 23,5 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, passando de 9,0% em 2001 para 12,1% em 2011, aumento de 34,4%. É válido ressaltar que o grupo com 80 anos ou mais chegou, em 2011, a 1,7% da população, com aproximadamente 3.319.000 de pessoas (IBGE, 2012).

Esse aumento progressivo de idosos no país vem demandando, principalmente, dos profissionais da área da saúde, qualificação teórica e técnica para atuar diante das questões do envelhecimento, pois tal processo vem ocasionando enormes agravos à saúde, sobretudo pelas desigualdades e pobreza por quais passam a maior parte das famílias brasileiras.

Outro elemento que contribui para esse crescimento de idosos no mundo é apontado por Camarano (2002, p. 22).

"a queda da mortalidade, conjugada às melhorias nas condições de saúde provocadas por uma tecnologia médica mais avançada, bem como a universalização da seguridade social, maior acesso a serviços de saúde e outras mudanças tecnológicas levaram o idoso brasileiro a ter a sua expectativa de sobrevida aumentada".

Assis e Bernardo (2016, p.19) apontam dados do IBGE (2015) sobre as estatísticas do segmento acima de 60 anos, que "é o que mais tem crescido em relação às demais faixas etárias. Segundo os dados estima-se que crianças e adolescentes de 0 a 14 anos passarão de 20,9% em 2020, para 13% em 2060, demonstrando a inversão da pirâmide etária".

As estudiosas indicam ainda que a faixa etária acima de 80 anos é o grupo que apresenta maior carga de doenças crônicas e incapacidades, logo exigirá maior atenção e cuidado por parte dos profissionais e das instituições que lidam com esse segmento, devido, sobretudo, à dependência a qual estes idosos estão submetidos.

Assim, esse impacto expressivo por Assis e Bernardo (2016) vai demandar: maior investimento por parte do setor público, visando um atendimento pautado na via da integralidade e adoção de práticas reflexivas que corroborem com o conceito ampliado de saúde.

Apesar desse momento da vida ser considerado uma vitória por alguns estudiosos ou até mesmo pelos próprios idosos, para Veras (2009) tem trazido preocupações, especialmente pelo pouco investimento público para a realização de ações voltadas à melhoria da qualidade de vida. Fato este que requer o enfrentamento de demandas relacionadas à velhice, entendida, em razão dos indicadores de pobreza e desigualdade, como expressão da questão social (TEIXEIRA, 2008).

O processo de envelhecimento não se resume aos aspectos demográficos. Sua complexidade exige que seja estudado por diversas disciplinas, sob múltiplos ângulos. É um fenômeno que percorre toda a história da humanidade, mas apresenta características diferenciadas de acordo com a cultura, com o tempo e com o espaço (GOLDMAN, 2001).

Conforme Teixeira (2008), envelhecer no âmbito na sociedade capitalista traz significativas disparidades econômicas, sociais e culturais aos indivíduos, pois tal processo terá o reflexo dos estilos e condições de vida, vivenciadas por cada sujeito em toda sua trajetória humana, que por sua vez ocorre de modo diferenciado.

Concordamos com a autora que, ao fazer uma análise do envelhecimento do trabalhador como expressão da questão social na perspectiva de classe social, afirma que dentro desta mesma classe existem frações de classe, pois a forma de envelhecer de cada indivíduo está relacionada aos determinantes não apenas biológicos, mas também sociais, como: escolaridade, renda, gênero, etnia, dentre outros.

Faleiros (2014) afirma que a dinâmica social do envelhecimento está situada no contexto de mudanças societárias. Tais mudanças não são lineares, mas expressam conflitos nas relações de produção, de poder, culturas, grupos.

Paiva (2012) destaca que a forma como as políticas sociais foram efetivadas nos países capitalistas hegemônicos europeus, com maior acesso a serviços e bens públicos, foi bastante distinta dos países periféricos, onde não houve mudanças substanciais nos indicadores de pobreza. De fato, os países menos desenvolvidos terão os maiores desafios, como é o caso do Brasil.

### **3 – Imaginário social da velhice**

A velhice não é marcada por uma linha cronológica, mas construída socialmente. Ela é definida como: “o estado de ser velho, o produto do envelhecimento, o resultado do processo de envelhecer”.

Em contraposição a velhice, surge o termo terceira idade, que segundo Peixoto (2009), surge:

“a partir de instituições e agentes especializados na temática da velhice, que prescreviam a este segmento vigilância alimentar, exercícios físicos, necessidades culturais, sociais e psicológicas. Assim, o termo criado em virtude da introdução de uma política de integração social da velhice visa à transformação da imagem das pessoas envelhecidas” (p. 31).

A terceira idade é, portanto, aquele segmento de idosos, considerados classe média, de pele clara, enaltecido pela mídia, aqueles que têm o poder de consumo e fazem parte da chamada “melhor idade”, ou “idade de ouro”. A utilização dessas novas nomenclaturas segundo Teixeira (2017) traz consequências para o entendimento do processo de envelhecimento bem como para a manutenção do Modo de Produção Capitalista.

A velhice está relacionada à exclusão da classe trabalhadora, que ao longo da vida vendeu sua força de trabalho ao capital e hoje, com os baixos recursos destinados da aposentadoria, encontra dificuldades para garantir a própria subsistência. Para Teixeira (2017):

É a classe trabalhadora a protagonista da “tragédia” no envelhecimento (velhice pobre, desamparada, sem ou com baixa renda, sem bens e propriedade, doentia, sem acesso as políticas públicas e dependentes dos recursos familiares) (Teixeira, p.17, 2017).

Assis e Bernardo (2016) afirmam que o preconceito sociocultural em relação à velhice é reafirmado devido à associação que se faz à doença e incapacidades. De fato o processo de envelhecimento é perpassado por um declínio fisiológico, porém não significa dizer que este equivale a um estado doentio.

Os estereótipos associados à velhice são reproduzidos na sociedade por diversas instituições e até pelos próprios profissionais gerontólogos, que em suas práticas agem muitas vezes com o propósito de invisibilizar a velhice, abrindo espaço para a exaltação da juventude, tão propalada pela mídia.

Percebemos o quanto a representação social da velhice, é ainda um tanto negativa, quando identificamos, como afirma (NUNES, 2002), o desrespeito dos governantes com o segmento idoso, ao afirmar que os aposentados e pensionistas são os causadores de déficits na Previdência Pública.

A visão universalista e negativa da velhice associada a perdas, conforme Assis e Bernardo (2016) encontra-se vinculada aos valores que estão presentes nas sociedades ocidentais, como “produção, rendimento, dinamismo”. Nas sociedades não ocidentais as autoras afirmam que a visão acerca da velhice tem sido menos negativa.

#### **4 – A prática pela prática: uma nova forma de gestão da velhice**

Segundo Debert (1997), a invenção da terceira idade é entendida como resultado do processo crescente de socialização da gestão da velhice. A autora afirma que a velhice deixa de ser tratada na esfera privada e passa a ter caráter público, tendo o Estado como responsável pelo provimento de políticas públicas destinadas ao segmento idoso.

A Gerontologia é denominada como a ciência que estuda o processo de envelhecimento em suas dimensões biopsicossocial. Tal ciência contribui com o debate acerca da questão do idoso como problemática social. Paradoxalmente Debert (1997) afirma que a tendência do discurso gerontológico, entretanto, é hoje desconstruir seu objeto de estudo e intervenção, transformando os gerontólogos em agentes no combate à velhice. Com a afirmação da autora percebemos a dicotomia entre teoria e prática na atuação desses profissionais.

Os profissionais gerontólogos ao proporem uma prática irreflexiva e acrítica, corroboram com:

[...] o pragmatismo, como o modo de ser da imediaticidade do mundo burguês e de sua representação ideal, tomada a partir da experiência, opera com tamanha sutileza que temos dificuldade de perceber que ele é apenas o modo de “apreensão da aparência” do real e não o modo de ser do próprio real. Ele opera em um nível da práxis, cuja inserção e apreensão imediata da realidade passa a ser a atitude prática do homem comum no cotidiano. A atitude pragmática e o pensamento no cotidiano se naturalizam e são naturalizados pela racionalidade tipicamente burguesa (GUERRA, 2013, p. 44).

Na atividade prática é necessário estar atento aos referenciais metodológicos que serão adotados para sua concretização, senão cairemos numa prática desconectada da realidade dos sujeitos com o qual trabalhamos e podemos incorrer, por exemplo, a infantilização ao

idoso, tendência que muitas vezes ocorre nos espaços de grupalização, exatamente pela ausência de um referencial teórico não condizente com a prática.

Nas atividades de ação educativa com idosos, isto é, nos programas chamados de terceira idade ou grupos de convivência, nas universidades para a terceira idade, Debert (2006) afirma que:

a luta é por mudanças culturais, é uma luta contra os preconceitos e estereótipos que leva a uma celebração da terceira idade e do processo de envelhecimento como um momento privilegiado na vida, em que a realização pessoal, a satisfação e o prazer encontram o seu auge e são vividos entusiasticamente (p. 27).

Essas questões que queremos pontuar, de que a prática não deve se limitar a combater estereótipos, senão corre-se o risco de perpetuarmos ainda mais uma prática imediatista, tecnicista e desconexa das reais condições de vida dos sujeitos idosos. Espera-se do profissional que ele exerça uma atividade consciente, planejada, transformadora. Para isso é necessário recorrer a outras literaturas, para além da literatura gerontológica, como, por exemplo, a das ciências sociais de forma ampla, a fim de buscar embasamento teórico, pois entre teoria e prática, não há uma fratura, elas se completam e se entrecruzam.

“O conhecimento teórico emerge do processo histórico-social como resultado elaborado das atividades humanas dirigidas à satisfação de necessidades materiais e espirituais. Tal conhecimento pode ser considerado uma espécie de reprodução da realidade no pensamento que serve de guia e fundamento para a prática na vida social e sua finalidade, podendo ser incessantemente aprimorado. Além disso, cabe salientar que se trata de conhecimento que se torna referência para a ação, para efetivação de prática fecunda, e útil para o enriquecimento humano, na medida em que seja verdadeiro e não o inverso, como propalou o pragmatismo” (Forti & Guerra 2013, p. 44).

O tão proclamado envelhecimento ativo” vem propagando a noção de terceira idade ativa, camuflando as outras realidades relacionadas ao adoecimento, à dependência, à miserabilidade e a outras dificuldades de várias ordens as quais os idosos enfrentam no cotidiano. Portanto, é necessário que os profissionais atuem de forma engajada nas políticas públicas, que sejam conscientes, críticos e propositivos para além de possibilitarem uma

nova representação ao segmento idoso no país, contribuir para que os mesmos possam viver a velhice dignamente, enfrentando a pobreza e a miséria.

Nos grupos de “terceira idade” há uma prática voltada predominantemente para prevenção e adoção de hábitos saudáveis de vida. Não queremos dizer que esses fatores não sejam importantes de serem abordados, em qualquer etapa da vida, mas é importante abordá-las de modo crítico, bem como abordar questões mais amplas que estejam relacionadas a sua realidade, como por exemplo o debate acerca dos determinantes sociais e de saúde, o qual problematiza as condições de vida e de trabalho dos sujeitos, como os fatores socioeconômicos, culturais e ambientais. Assim estaremos corroborando para uma prática qualificada, contrária ao pragmatismo.

A glorificação do envelhecimento saudável, engajado e ativo, propalado na sociedade, contribui para que os profissionais atuem de forma acrítica. Porém estes devem estar atentos e perceber que é possível recriar possibilidades de trabalho com idosos, que devem ocorrer através de uma reflexão mais crítica, pois, caso contrário, as intervenções tenderão a continuar inócuas.

Além do mais, essas atividades desprovidas de sentido são capazes de influenciar de forma negativa naqueles que não conseguem se enquadrar nos critérios de “velhice bem-sucedida” e podem até mesmo culpabilizarem-se unicamente pelas condições de vida a qual estão submetidos.

A proposta neste artigo é a de reforçar a necessidade de construir práticas reflexivas e problematizadoras, contrárias à teoria acrítica que supervaloriza as atividades educativas e de lazer como salvadora de todos os males relacionados à velhice ou ao processo de envelhecimento. É demonstrar ainda que o envelhecimento pode estar relacionado ao aspecto “ativo”, “saudável” por um lado, mas do outro pode revelar um envelhecimento doentio, dependente e miserável, logo merece ser problematizado também.

A prática com idosos deve estimular também a participação na vida social, cultural e cívica, incentivando a autonomia e a independência dos mesmos. Para isso é importante domínio teórico dos que vão trabalhar com o segmento para estarem atentos às especificidades de um grupo que é plural, bem como se afastar de práticas que objetivem apenas garantir a ocupação do tempo livre.

### **3 – CONCLUSÃO**

Compreendemos a necessidade de realizar a atuação cotidiana através de uma prática questionadora, pautada em teorias críticas, as quais dão direção social estratégica à ação profissional, porém é notório observar através das discussões aqui feitas que as ações de

muitos profissionais ainda estão pautadas numa prática rotineira e pragmática, a qual se baseia em dar respostas imediatas ao capital.

A questão do idoso no Brasil, tanto no que se refere à saúde como em relação às demais dimensões do viver não pode ser mais abnegada, pois as demais dimensões da vida vão afetar diretamente à saúde desse sujeito. Portanto é necessário ampliar as ações através das políticas públicas, estas devem estar articuladas, integradas e voltadas ao envelhecimento em sua amplitude, em seus níveis tanto regional como nacional.

É essencial que se tenha profissionais capacitados para atuar nas áreas de geriatria e gerontologia numa perspectiva crítica e reflexiva, uma vez que este indivíduo pertencente à sociedade, já contribuiu muito para a produção social, e nessa fase da vida ainda pode contribuir muito com suas potencialidades, interagindo com as demais gerações.

A respeito da velhice, acreditamos que essa etapa da vida para o idoso deveria ser um momento de usufruto dos direitos. Porém, na atualidade não é o que temos visto. Pelo contrário, observamos idosos atravessando inúmeras dificuldades em seu contexto social, como dificuldade financeira, adoecimento e suporte frágil, o que impossibilita aos mesmos viver a velhice de forma digna.

Assim, enfatizamos a necessidade de profissionais realizarem uma prática reflexiva, que considere as questões do envelhecimento na perspectiva de totalidade, ou seja, analisando-o como um processo plural, o qual determina o tipo de velhice experimentado por cada indivíduo, bem como romper com os estigmas e discriminações propagadas pela ideologia neoliberal.

Nessa perspectiva, a dicotomia entre teoria e prática deve ser rompida no exercício profissional. É essencial o aprofundamento acerca dos conceitos de gênero, classe, raça/etnia para o debate crítico do envelhecimento, bem como lutar politicamente para romper com os estereótipos da velhice, reforçados também pelo ideário neoliberal.

Assim poderemos analisá-lo em sua forma histórica e dialética, na perspectiva de totalidade. É dever profissionais atuantes na área do envelhecimento desconstruir as representações reducionistas sobre a velhice e não compactuar com a visão estereotipada da mesma na sociedade.

Diante disso afirmamos que o trabalho com idosos requer aprofundamento teórico e intervenções contextualizadas, enquadradas tanto pelos documentos que direcionam as práticas dos profissionais das diversas áreas, como pelos princípios dos direitos humanos.

## REFERÊNCIAS

ASSIS E BERNARDO, In: **Cuidado e interprofissionalidade** - uma experiência de atenção integral à saúde da pessoa idosa (Núcleo de Atenção ao Idoso/UnATI-HUPE-UERJ)/ Maria Helena de Jesus Bernardo, Luciana Branco da Motta (organizadoras). - Curitiba: CRV, 2016.

CAMARANO, A. A. **Envelhecimento da população brasileira**: uma contribuição demográfica, Rio de Janeiro, 2002.

DEBERT, G. G. **A Reinvenção da Velhice**: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento – São Paulo: Editora da USP: Fapesp, 1999.

FALEIROS, V. P. **Envelhecimento no Brasil do século XXI**: transições e desafios. Revista Argumentum, Vitória (ES), v. 6, n.1, p. 6-21, jan./jun. 2014.

FORTI, V. e GUERRA, Y. **Na prática a teoria é outra?** In: Forti e Guerra (Org.) Serviço Social: Temas, Textos e Contextos. Coletânea Nova de Serviço Social. Rio de Janeiro: Lúmen Júris Editora, 2009.

GOLDMAN, S. N. (2001) **Universidade para a terceira idade**: uma lição de cidadania. Textos sobre Envelhecimento. UNATI / UERJ, v. 3, n.5. p. 7-39.

GUERRA, Y. “**Expressões do pragmatismo no serviço social**: reflexões preliminares”. Revista Katalysis, 2013.

PEIXOTO, C. (2009). **Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatório**: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: Barros, M. (Org.) **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política: 13-34. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

TEIXEIRA, S.M. **Envelhecimento e trabalho no tempo de capital**: implicações para a proteção social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. **Envelhecimento na sociabilidade do capital**. São Paulo: Papel Social, 2017.

VERAS, R.P. **Envelhecimento populacional contemporâneo**: demandas, desafios e inovações. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v 43, n. 3, maio/ jun. 2009.